



» Entrevista | **ELI MINEV** | ESTUDANTE

Na luta contra a insegurança alimentar

Jovem de 17 anos desenvolveu um projeto que resgata o uso do ariá, tubérculo tradicional da Amazônia, como alternativa nutricional e que já beneficiou mais de 500 famílias na região

» CAETANO YAMAMOTO*

O estudante manauara Eli Minev, 17 anos, ganhou reconhecimento mundial com o projeto social Amazônia Chibata: Ariá, com foco no resgate e na valorização do cultivo do ariá, tubérculo tradicional da Amazônia, como alternativa no combate à insegurança alimentar. Ele levou a iniciativa para International Science and Engineering Fair (ISEF), em maio de 2025, em Columbus, Ohio, nos Estados Unidos, a maior feira de ciências do mundo. Ao **Correio**, o jovem falou sobre a importância do conhecimento tradicional e da ciência para promover um modelo de desenvolvimento sustentável para as comunidades urbanas e rurais da Amazônia.

O que motivou um estudante de 17 anos a se dedicar a um projeto com tema tão complexo como a insegurança alimentar?

Sempre me incomodou o contraste entre a riqueza da biodiversidade da Amazônia e a realidade de insegurança alimentar que muitas famílias enfrentam. O ponto foi quando percebi que havia alimentos do nosso território, como o ariá, que podiam fazer parte da solução, mas que estavam esquecidos. Quando comecei a pesquisar, vi que quase não havia informação disponível. Isso me motivou a investigar mais e buscar formas de levar esse conhecimento às pessoas.

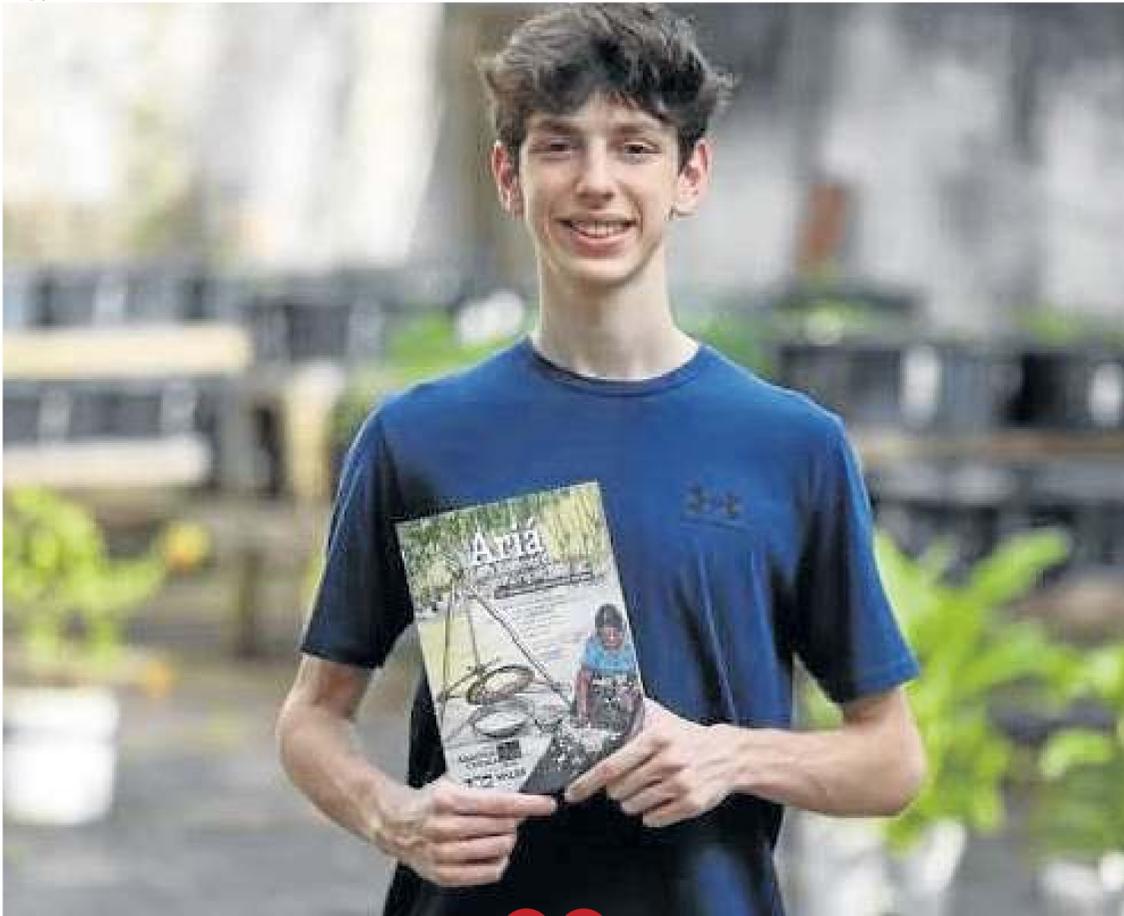
Qual é o maior desafio de continuar com esse projeto?

Um dos principais desafios é a falta de rizomas suficientes para distribuir e começar novos plantios. Como o ariá ainda não está no mercado formal, sua multiplicação depende de tempo e cuidado. Também enfrentamos dificuldades logísticas, principalmente por conta da distância e da seca severa no Amazonas. Lidamos com isso construindo redes de apoio com pesquisadores, voluntários e famílias.

Ser reconhecido como Jovem Transformador 2025 pela Ashoka é uma grande conquista. O que esse prêmio significa para você e para o projeto?

É uma honra enorme. A Ashoka é referência em transformação social, e ser reconhecido por eles me dá ainda mais força para continuar. Mas esse prêmio não é só meu: é de todos que acreditaram no projeto desde o início: minha família, as pesquisadoras do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), as lideranças comunitárias, os amigos que plantaram comigo. Isso significa que iniciativas locais, conectadas à ciência e ao território, podem inspirar outras mudanças pelo mundo.

Divulgação



A logística é desafiadora por conta das distâncias, do clima e da falta de infraestrutura, mas é também colaborativa: quem participa do projeto se engaja na produção, no cuidado com o solo e na distribuição dos rizomas, criando redes locais de fortalecimento alimentar"

Você pretende expandir o projeto para outras comunidades ou outros alimentos?

Sim. A ideia é ampliar a rede de hortas e agroflorestas urbanas e ribeirinhas, começando por onde o projeto já está presente. Quero que esse trabalho inspire jovens em outras regiões a olhar para seus territórios e perceberem que a solução pode estar debaixo dos nossos pés

O livro sobre o ariá foi semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico e está em mais de 100 bibliotecas. Você esperava esse reconhecimento?

O objetivo era dar visibilidade ao ariá, para que mais pessoas pudessem conhecer, valorizar e cultivar esse alimento. O livro mistura ciência, receitas, memórias e histórias de vida. É um convite para olhar a comida como cultura e saúde. Ver esse trabalho sendo reconhecido e chegando a tantas

bibliotecas foi muito emocionante. Fico muito feliz em ver que a mensagem está chegando longe.

Como você conheceu o ariá e por que decidiu basear seu projeto nele?

Conheci o ariá por causa da minha avó. Ela contava que comia esse tubérculo na infância, mas que ele desapareceu da mesa por muitos anos. Ela só voltou a experimentá-lo décadas depois, quando colhemos os primeiros frutos da minha própria plantação, em um sistema agroflorestal que desenvolvi. O curioso é que, mesmo cultivando, eu pouco sabia sobre ele. Isso despertou em mim um desejo profundo de entender melhor aquele alimento que unia passado e presente da minha família. Foi assim que procurei a doutora Noêmia, no Inpa, e descobri que quase não havia conteúdo acessível sobre o ariá. Com um grupo de pesquisa do Inpa, transformamos então essa

curiosidade em um projeto que reúne ciência, cultura e território em torno de um tubérculo tradicional da Amazônia, com potencial para transformar realidades e resgatar memórias.

Ele é um alimento tradicional indígena. Como foi o processo de aprendizagem sobre o ariá?

Foi um processo coletivo e de muito respeito. Tive o apoio das pesquisadoras Noêmia Ishikawa, Ruby Vargas Isla, e dos outros nove integrantes do nosso grupo de pesquisa no Inpa, que me orientaram desde o começo. Também aprendi com lideranças indígenas, especialmente em visitas a comunidades e feiras locais, ouvindo histórias, modos de preparo, saberes ancestrais. O projeto é isso: ciência e tradição caminhando juntas.

O projeto já beneficiou mais de 500 famílias, como é a logística de levar os alimentos até elas?

Temos focos de plantio em nove municípios diferentes, com articulação feita em parceria com lideranças locais, pesquisadores e organizações comunitárias. A logística é desafiadora por conta das distâncias, do clima e da falta de infraestrutura, mas é também colaborativa: quem participa do projeto se engaja na produção, no cuidado com o solo e na distribuição dos rizomas, criando redes locais de fortalecimento alimentar.

Deixe mensagem para outros jovens que têm uma ideia para mudar o mundo, mas não sabem por onde começar.

Comece pequeno e comece de onde você está. Uma ideia pode parecer simples, mas se ela vem do coração e tem conexão com sua realidade, ela já é potente. Busque apoio, compartilhe com quem acredita em você e esteja aberto para aprender.

Alimento poderoso

O projeto social de Eli Minev é de suma importância para comunidades da região, como o Parque das Tribos, Tarumã e Adrianópolis, e já pode ser observado. Criando hortas agroflorestais e urbanas, do tubérculo ariá, para auxiliar na luta contra a insegurança alimentar. Nove municípios do interior do estado iniciaram o plantio do ariá após contato com a iniciativa.

A nutricionista Gianna Rosa destaca os benefícios do alimento para a população. "O ariá é um tubérculo de alto valor nutricional, uma vez que ele é rico em carboidratos complexos, que fornecem energia de forma mais gradual. A versatilidade do ariá vem justamente da sua textura neutra e agradável, o que permite seu uso em diferentes preparações. A composição também favorece o uso como alimento funcional em dietas sem glúten, por exemplo, tornando-o inclusivo para pessoas com restrições alimentares", diz.

Rosa explica que a insegurança alimentar não é somente a ausência de calorias, mas, sim, na qualidade do que é consumido. "Por ser nutritivo, acessível e de fácil cultivo, pode ser um aliado poderoso na base alimentar dessas populações. Ele fornece energia de qualidade, fibras que promovem saciedade e saúde intestinal, além de micronutrientes que ajudam na prevenção de deficiências nutricionais comuns, como anemia e cansaço crônico", aponta.

Ela ressalta que muitos desses alimentos tradicionais foram esquecidos pelo avanço da monocultura e alimentos processados. Segundo ela, o ariá pode ser uma alternativa interessante à mandioca, batata-doce e batata-inglesa. O tubérculo pode ser cultivado em áreas pequenas, propício para hortas comunitárias e agricultura familiar.

Isso faz com que o alimento é ideal para o projeto de Eli Minev, que ajudou no plantio de hortas agroflorestais e urbanas, impactando diretamente mais de 500 famílias, com o contato de agricultores, estudantes, professores e moradores, além de milhares alcançadas indiretamente por meio de eventos, feiras científicas e reportagens. Esse sucesso e impacto fizeram com que o jovem ganhasse o prêmio Jovem Transformador 2025, pela Ashoka. A organização, fundada na década de 80, tem o objetivo de identificar, apoiar e integrar globalmente grupos ou pessoas comprometidas em resolver problemas sociais e promover grandes impactos, transformando políticas públicas, práticas de mercado e comportamentos.

* Estagiário sob a supervisão de Luana Patriolino

OBITUÁRIO

Morre embaixador Guy Brandão

Morreu, ontem, em Brasília, o embaixador Guy Marie de Castro Brandão, aos 96 anos. O diplomata teve a carreira marcada por dedicação ao serviço público e forte atuação na política externa brasileira, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. A causa da morte não foi divulgada pela família.

No governo do presidente João Figueiredo (1979-1985), foi

porta-voz do então ministro das Relações Exteriores, Azeredo da Silveira. Ele conduziu a comunicação do Itamaraty durante a abertura política do regime militar. Representou o Brasil como embaixador no Equador, no Senegal e na Bulgária.

Aposentado, Guy Brandão foi presidente da Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB Sindical), entre 2011 e 2014, período

em que se destacou na luta por melhores condições de trabalho e maior valorização da carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores (MRE). Em nota, a entidade prestou homenagem ao embaixador e manifestou solidariedade aos familiares, amigos e colegas de profissão.

Guy Brandão também se envolveu em outras áreas de interesse público. Em 1979, integrou

o júri do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e ocupou posição no Conselho Científico e Tecnológico do CNPq. Ele era decano do corpo diplomático brasileiro, vivia com a família em Brasília desde que se retirou das atividades oficiais. Deixa mulher, dois filhos e três netos. O velório está marcado para hoje, às 15h, na Capela 4 do Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul.

Divulgação



Diplomata deixa esposa, dois filhos e três netos